

PURA MEMÓRIA

Emília Amor

Título

PURA MEMÓRIA

Autora

EMÍLIA AMOR

Edição

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS - DEPARTAMENTO DE ARQUIVOS,
BIBLIOTECAS E PATRIMÓNIO HISTÓRICO

Coordenação

MARIA CONCEIÇÃO SANTOS
JOÃO MIGUEL HENRIQUES

Design gráfico e impressão

GRÁFICA DIÁRIO DO MINHO

Imagens

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CASCAIS
ARQUIVO DA AUTORA

ISBN

978-972-637-319-3

Depósito legal

502449/22

Tiragem

500 EXEMPLARES

Capa

CAPARIDE, C. 1955

PURA MEMÓRIA

Cascais é uma obra humana, construída ao longo de gerações, num território heterogéneo, mas uno. As pessoas foram e continuarão a ser, assim, a razão da sua evolução, que se materializa numa comunidade ativa, inovadora e cada vez mais solidária, em constante mutação.

Neste livro simultaneamente biográfico e ficcional, entretecido por Emília Amor, conta-se parte da história das nossas gentes, em meados do século XX, tendo por ponto de partida o dia a dia de uma família na então rural Caparide, que nos permite evocar as nossas origens, mas também refletir sobre as transformações entretanto ocorridas na vida dos cascalenses.

Pura Memória é uma narração etnográfica peculiar, muito completa e real que consegue fazer reviver os espaços, os objetos e os rituais que coloriram a vida das gentes do interior do concelho, identificando claramente o valor do património cultural que representam. Constitui, pois, uma narrativa que importa partilhar não só com quem aqui nasceu, mas também com todos os que se tornaram cascalenses por necessidade ou opção, como é o caso da autora, nascida em Lisboa decorria o ano de 1945, mas que reside no concelho há 48 anos.

Ao longo da história, os cascalenses sempre souberam acolher e integrar quem aqui se fixou, nomeadamente nos períodos mais negros da nossa história coletiva, como sucedeu durante a II Guerra Mundial ou está a acontecer de novo devido à invasão da Ucrânia. Desta forma, a aculturação é um processo intrínseco nas famílias que escolhem Cascais para viver e cedo decidem contribuir para o desenvolvimento deste espírito coletivo, que também passam a integrar. A ativa participação da família de Emília Amor na vida local é disso exemplo, como o denuncia o apoio prestado à dinamização do associativismo, da cultura popular e dos hábitos de leitura.

A riqueza da informação compulsada nesta *Pura Memória* distingue o pormenor do registo do que se viveu e se sentiu, bastante completo e útil, que constitui um suporte documental basilar para a etnografia e a defesa do património cultural imaterial, em que a Câmara Municipal de Cascais tem vindo a apostar, em prol do seu reconhecimento, valorização, salvaguarda e proteção do património com vista à consolidação da identidade e do respeito das memórias das nossas gentes, garantindo a sua transmissão intergeracional.

Cascais apoia, assim, a recolha, o registo, a salvaguarda e a divulgação de todo o seu património cultural imaterial, por considerar essencial que se compreendam e honrem as origens da comunidade, através da descrição das técnicas tradicionais no desempenho de um determinado ofício, na interpretação das suas expressões orais ou das demonstrações artísticas, dos saberes e práticas mágico-religiosas de âmbito culinário ou curativo e na realização de manifestações de tradições festivas profanas ou religiosas e dos rituais que se revivificavam durante todo o ano.

Este livro permite-nos ir ainda mais longe nesta importante recolha de memórias e reflexão coletiva acerca da nossa identidade, razão pela qual a Câmara Municipal de Cascais não poderia deixar de colaborar na sua edição. O nosso muito obrigado à autora por esta generosa dádiva à comunidade.



Carlos Carreiras
Presidente da Câmara Municipal de Cascais

PREFÁCIO

Pura Memória é, sob diversos aspectos, uma obra surpreendente. Sendo um livro de memórias da autora entre os 6 e os 10 anos de idade, surpreende pela agudeza dos relatos que são presentificados com densidade absoluta. Sabe-se que as nossas memórias são construções permanentes, muitas vezes reelaboradas. Milagrosamente, não é o que aqui acontece. A autora guardou, como num cofre íntimo, tudo o que aconteceu nesses anos da sua vida familiar, em contexto da vida de um lugar e dos seus moradores. A intensidade do que nos conta é tal que acreditamos que foi assim que tudo aconteceu. Cumpre, assim, o que talvez seja a primeira característica de um texto literário: entramos nele e somos envolvidos pela beleza do que nos é dado, através da eficácia imaginosa da escrita e de uma composição rigorosa (quase como uma peça musical) que não quero desvendar.

Igualmente surpreendente é, nesta obra, a evocação dos constrangimentos da vida quotidiana num pequeno lugar do concelho de Cascais, Caparide. É ali que Emília aporta aos seis anos, depois de tormentosa viagem de autocarro (dizia-se “a carreira”), vinda do centro da Lisboa. A menina deixou-se enfeitiçar pela beleza nova, rude e às vezes brutal, da natureza que tudo envolvia entrando pelos quintais e alargando-se em campos infindáveis, cheios de cheiros, bichos, flores, segredos e ameaças.

Dentro de casa, a figura extraordinária da mãe, presente em todos os momentos, tem a capacidade de transformar o quase acampamento, em que primeiro viveram, num sítio mágico que parecia confortável, sem ter nem água, nem luz, nem esgotos. O pai passava longas temporadas fora, trabalhando longe, e chegava com uma aura de aventureiro, com presentes e novas ideias. Com alguma coisa de galã de cinema, sendo que a mãe poderia ser atriz de teatro.

As brincadeiras da comunidade infantil, as dificuldades de abastecimento, a falta de dinheiro de todos, a sobrevivência à beira da pobreza, são abordados com uma intensidade rara, sempre envolvida pela capacidade de sonhar e imaginar próprias da infância. Mas outra figura emerge, espantosa e admirável: a professora primária que vinha muitas vezes a pé desde Carcavelos onde morava, e geria um edifício velho e desadequado e uma escola que a grande maioria dos miúdos pouco frequentava e depressa abandonava. Não a Emília, aluna modelo, sempre curiosa e sedenta de aprender, que gostava das brincadeiras da miudagem mas gostava mais de ler. Aprende depressa e progride brilhantemente, sem deixar de cumprir as muitas e exigentes tarefas que eram então pedidas às crianças.

Há, finalmente, outro aspecto que não posso deixar de apontar. O pai da Emília entusiasma-se em criar em Caparide uma biblioteca que instala na sociedade recreativa. É curioso que estes lugares paupérrimos dos arredores de Lisboa tenham disposto de escolas mal instaladas em edifícios desadequados, mas possuíam, por vezes com construção própria, estas sociedades recreativas que foram instrumentos de cultura popular, fomentados pela Primeira República e que sobreviveram à normalização do Estado Novo. Raramente teriam livrarias, mas havia música e bailari- cos em datas regulares, sala de jogos e bar, fomentando uma autonomia de práticas sociais que, inicialmente, se pretendiam afirmar como alternativas à Igreja.

Não quero, nesta breve nota, dizer mais. Como cascalense, nascida e criada no Murtal, lugar próximo de Caparide mas aonde creio que nunca fui durante a infância, tenho a certeza que *Pura Memória* se vai tornar uma obra de referência com valor literário, antropológico, histórico e social. O lugar de referência não é a beira-mar cosmopolita e de ocupação quase sempre sazonal, nem as aldeias com as suas específicas culturas saloias. É um lugar de transição, habitado por uma mescla social confusa de um operariado pobre e sem cultura urbana, onde as práticas camponesas continuavam a fazer-se sentir, em conjunto com ofícios artesanais modestíssimos. Nestas comunidades com estreitas relações de vizinhança o fulcro do trabalho, do sofrimento e das alegrias são as mulheres, donas de casa a tempo inteiro mas capazes de trabalhar para fora, como a mãe de Emília. Eram transportadoras de uma história pré determinada, empenhando-se em que as filhas, desde a entrada da adolescência, se preparassem para prosseguir o destino comum. Talvez que em Caparide da década de 1950, Emília tenha sido a única exceção?

Raquel Henriques da Silva

NOTA HISTÓRICA

Caparide é um lugar do Concelho de Cascais, na extrema ocidental da freguesia de São Domingos de Rana, situando-se o seu núcleo primitivo, para além da ribeira que dá nome ao vale, nas margens da estrada que liga S. João do Estoril, Alapraia até Tires, ou seja, ao longo da íngreme ladeira que desagua no Largo do Chafariz, um dos pontos mais elevados do Concelho, do qual se obtém uma vista magnífica de boa parte do mesmo.

A história do lugar remonta à ocupação romana, da qual já foram recolhidos – ainda que nunca em pesquisa arqueológica alargada e sistemática – diversos e significativos testemunhos (estatuária, epitáfios, lajes tumulares com inscrições das famílias respetivas, outros materiais como tesselas, mosaicos, lucernas, etc.), alguns deles expostos no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém, e no Museu dos Condes de Castro Guimarães, em Cascais. Aliás, há cerca de cinquenta anos, na zona onde foi construída a atual Escola Básica do 2º e 3º ciclos Matilde Rosa Araújo, em Matarraque, ainda eram bem visíveis, no caminho que levava a Caparide, lajes polidas pelo uso milenar, vestígios inconfundíveis da estrada romana que dava acesso a Cascais.

O próprio nome do lugar tem por étimo uma palavra latina, “capparis”, em português, “alcaparra” – pequeno fruto verde já então muito apreciado como condimento de conservas de peixe e de outros alimentos – de que se formou “capparitus”, “terreno coberto de alcaparras”.

O clima ameno e a fertilidade do Vale de Caparide, que tanto atraíram os colonos romanos, continuaram a despertar o interesse das populações do Concelho, de tal modo que, no rol dos lugares de Cascais, elaborado por D. Luís de Castro em 1527, num total de 482 vizinhos do Concelho, dos quais 172 são da vila de Cascais, a Aldeia e a Ribeira de Caparide vêm em segundo lugar somando 26, acima dos 22 da Aldeia de Manique.

Em 1960, Caparide já contava com 555 habitantes, muitos deles resultantes do êxodo de população do interior do país, sobretudo alentejana.

Atualmente, o lugar tem recenseados cerca de 4000 habitantes, mas o seu núcleo histórico está cercado e bastante desvirtuado, sobretudo do ponto de vista arquitetónico, pela construção de diversas urbanizações de gosto e implantação muito discutíveis. Fontes (algumas construídas ao nível do subsolo para captação direta das águas), moinhos (tradicionais ou metálicos, do início do séc. XX), casais, eiras, estábulos, vacarias e anexos, pequenas quintas e hortas, etc., na maioria, já desapareceram. Restam a Quinta dos Pesos/Santa Rita, o Palácio da Quinta da Ribeira,

PURA MEMÓRIA

hoje convertido em seminário, o açude, os plátanos que o bordejam junto à ponte e, à saída para os Chainhos, a azenha, que em boa hora foi restaurada, mas como propriedade particular, inacessível ao público.

No entanto, uma instituição ainda dá prova de vida: a Troupe União 1.º de Dezembro Caparidense, sociedade de cultura e recreio, cuja história está satisfatoriamente documentada no livro “Cascais, ASSOCIAÇÕES COM HISTÓRIA, 1886-1941, Vol. I, publicado pela Câmara Municipal de Cascais, em 2018.

A

primeira vez que subi a ladeira foi numa tarde de Verão, em 1952.

Da viagem de comboio nada recorde. Tal como não me lembro dos preparativos que sempre antecediam os passeios de família. Sei que saímos em S. João do Estoril e virámos às Quatro Estradas, conduzidas pelo andar convicto e seguro do meu pai.

Do percurso, a pé, da estação até ao nosso destino, que só mais tarde soube ser Caparide, ficaram-me de memória o calor, o cheiro dos campos sob um sol abrasador, o silêncio luminoso do Verão, entrecortado pela cantilena das cigarras e pelo latido dos cães, ao longe, numa atmosfera que se abria assim aos meus sentidos, de modo pleno e inesperado.

Lembro-me, ainda, do andamento lento e arrastado na subida final, do estalar da areia do pavimento — de macadame, como quase todas as estradas do interior do concelho — sob as solas dos sapatos, e do pó que, na secura de Julho, envolvia as casas, os muros de pedra solta, a vegetação das valas, na margem dos caminhos.

Mas a impressão mais forte foi a da chegada ao topo da ladeira, que desembocava num espaço amplo e soalheiro, o largo. Não era uma praça traçada a rigor, confinada por prédios, arcadas ou placas ajardinadas, como as de Lisboa, que eu bem conhecia. Era um triângulo limitado por um muro baixo, por um renque de casas minúsculas, como de brincar, e pela linha da estrada. Junto a esta e um pouco recuado, um chafariz de mármore polido — eu ainda não sabia distinguir esta pedra, mas, em breve, havia de reconhecê-la por ali em abundância, em tonalidades e grãos magníficos — com dois bancos laterais e um tanque traseiro, que só mais tarde soube ser o bebedouro do gado. Duas faias de sombra rala rematavam o conjunto.

Para lá da linha da estrada, a encosta e o vale, terras de cultura ondulando suavemente até à ribeira, os muros e o arvoredado dos pomares e a silhueta de uma casa grande, apalaçada, que dominava a entrada do lugar.

Ao longe, o traçado rectilíneo de uma estrada que antes tínhamos palmilhado, as Corredouras, rasgado no descampado, entre cabeços e pinhais. Ainda mais ao longe, o casario de lugarejos desconhecidos que também atravessámos, o recorte da costa, a baía e o farol. E, sobre todo o horizonte, uma faixa de tom indefinido, entre mar e céu...

Extasiada, descobri que estava como que num grande miradouro, muito acima do 5.º andar da Rua de S. Lázaro que, até então, satisfazia a minha curiosidade diária, ou mesmo do elevador de Santa Justa, onde às vezes me levavam, e o meu espanto se renovava.

O largo ia ser um lugar privilegiado de ver o mundo — este outro mundo a descobrir, tão cheio de novidade, de maravilha e de contraste, de motivos de atracção e de estranheza — mas isso ainda o não sabia.

Habituada a algumas saídas e, na cidade, a calcorrear por ruas e travessas, alamedas e azinhagas, tomei a passeata como (mais) uma das muitas a que o meu pai nos habituara. Não estranhei, por isso, a sua determinação em atravessar a terra

PURA MEMÓRIA

sob a torreira do sol, as explicações exaustivas e as conversas com gente que me era desconhecida.

Além das casas minúsculas, quase “de brincar”, destacavam-se no largo duas construções diferentes: uma, à entrada, era igualmente baixa, mas um pouco mais comprida do que as outras; tinha uma porta e uma espécie de pequena janela, mas sem portadas; a outra, no vértice oposto à linha da estrada e do vale, era uma casa maior do que as restantes, de linhas elegantes e de aspecto cuidado.

A primeira era a loja da Sr.^a Belmira, o piso superior de um agregado de cubículos onde, no desnível da encosta, se albergava uma família de oito pessoas.

A segunda era a casa da D. Matilde dos Telefones, assim chamada porque o seu pai que, nas traseiras, em tempos tinha aberto uma mercearia, foi a primeira pessoa na terra a montar um telefone e a pô-lo, na loja, à disposição da clientela. Qualquer destes espaços, em breve, ia constituir uma parte significativa do meu quotidiano.

Foi à loja da Sr.^a Belmira que, à chegada a Caparide, o meu pai primeiro nos levou. Era uma divisão sobre o comprido, com um balcão de madeira, de uma cor inominável, a todo o comprimento.

No extremo, em frente à porta da rua e por detrás do balcão, alinhavam-se dois ou três barris de vinho, uns quantos garrafões empalhados e, na parede, umas prateleiras com garrafas de bebida de rótulos estropiados e meia dúzia de copos de vidro baço, por sobre um pequeno lavabo.

Ainda por detrás do balcão, noutras prateleiras, sucediam-se maços de cigarros, pacotes de tabaco e de papel de mortalha, caixas de fósforos, lâmpadas, chaminés de candeeiro e cabeças de fogareiro a petróleo, mais umas quantas quinquilharias.

Na parede, junto à porta que dava para as traseiras, fiz, de imediato, uma descoberta surpreendente: meia dúzia de relógios de bolso, suspensos de um prego por correntes escurecidas e gastas, mais dois ou três relógios de pulso, pendurados no mesmo prego. A explicação dessa nota insólita tive-a tempos depois. O Sr. Filipe Mateus, marido da Sr.^a Belmira, era o relojoeiro da terra. Não por profissão — que nunca a tinha tido, a essa ou a qualquer outra — mas por vocação ou, atrevo-me a dizer, sentido artístico.

No outro extremo da divisão, sobre o balcão, assentava uma pilha de caixas de lata. Às de forma cúbica, mais familiares, eram as das bolachas. As outras, cilíndricas e mais pequenas, de um conteúdo que eu ainda não conhecia.

Encostado à parede do fundo, um velho armário de portas envidraçadas assentava em duas ou três tulhas cheias de tralha indescritível, junto das quais, em sacos de se-rapilheira, se acumulavam as batatas, o feijão, o milho, as sêmeas para a criação, etc.

À chegada à loja, afogueados do calor e do esforço da subida, todos nos sentámos no banco corrido, em frente ao balcão, e devemos ter bebido água da bilha, recurso corrente para ter água fresca nas casas onde, só uma a duas décadas depois, chegariam os primeiros frigoríficos.

Olhando à volta, fiquei a perceber que o que, de fora, me tinha parecido uma janela era, afinal, uma espécie de montra, onde a Sr.^a Belmira arrumava as couves, os repolhos e mais alguma hortaliça, bem como a fruta — muito escassa — que, uma vez por semana, ia comprar a S. João.

Daquela vez a prateleira não estava ocupada de verduras, mas por algo mais original e divertido: um pinto, de penugem amarela, já crescido e pernalta, com as primeiras penas a despontarem nas asas e sempre atento a qualquer sinal. O Sr. Filipe tinha-lhe posto o nome de Pipocas e dava-lhe, além de bagos de milho, que ele sofregamente debicava, toda a casta de insectos que poisavam junto ao vidro e conseguia apanhar. O petisco era tão apreciado, garantia o Sr. Filipe, que o pinto já caçava sozinho os mais desprevenidos.

Era domingo e a loja estava por nossa conta.

Em breve iria vê-la ocupada por gente da terra, sobretudo por velhos cabisbaixos, alguns já desdentados e trôpegos, de perna cruzada, mãos nodosas apoiadas nos cajados, e sempre envolvidos por um cheiro intenso a terra, a tabaco e a aguardente.

Comecei logo ali o nunca resolvido exercício de classificação a que, vezes sem conta, me iria dedicar: mercearia, lugar de hortaliça, drogaria, Vale do Rio¹, taberna — afinal que loja era aquela que não era igual a nenhuma das que eu conhecia e tinha um pouco de todas elas, em simultâneo?

Ao fim de pouco tempo naquele espaço, apercebi-me de que a viagem não tinha sido um mero passeio e que a recepção amável da família Mateus não era fruto do acaso.

O meu pai tratava já aquelas pessoas com alguma familiaridade, e elas estavam a par da razão da nossa presença.

Pouco depois da chegada e vendo-nos já refeitas da estafa, deu-nos ordem de marcha e, acompanhados por alguns dos filhos do casal, saímos do largo pelo topo norte e descemos uma outra ladeira, mais curta e menos íngreme do que a anterior. Para evitar confusões, chamar-lhe-ei “rampa”, designação que, em Caparide, geralmente lhe dávamos e que decidi manter nestas memórias.

Ao fundo, avistámos um conjunto de casas, mas o meu pai não se deteve por ali. Contornámos, então, uma construção estranha — um muro quadrangular de pedras largas e polidas, rodeando uma escada de degraus fundos, descendo até um pequeno tanque, abaixo do nível do solo, para onde caía a água de uma bica, também de pedra — a fonte velha, que dava o nome à travessa onde nos encontrávamos. Continuámos a avançar, já não na travessa, mas por um caminho de pedra solta, bordejado de ervas secas e silvados.

Até que, à nossa frente, se perfilou a razão da nossa viagem: as ruínas de uma casa. Vim a saber, pela conversa posterior, que essa casa tinha sido a dos pais do Sr. Filipe, que a olhava como quem se despede de uma parte de si.

¹ Nome da cadeia de lojas, abertas pela firma Abel Pereira da Fonseca, na Lisboa da primeira metade do séc. XX, e especializadas na venda de bebidas alcoólicas em moldes mais modernos e higiénicos, em alternativa às tabernas e carvoarias tradicionais.

PURA MEMÓRIA

À vista das ruínas, com a expressão iluminada de um visionário, o meu pai começou, de imediato, a chamar a nossa atenção para as preciosidades arquitectónicas ainda ali patentes e a fazer, com a precisão de quem já analisou exaustivamente a matéria, o inventário das prioridades de reconstrução, dos materiais aproveitáveis, do que havia a construir de novo...

Já então pouco permeável a fantasias, mas feliz só de pensar que, finalmente, iria ter casa própria, a minha mãe preferiu explorar a faixa de terreno, ligeiramente em declive, por detrás da casa, coberta de um matagal quase impenetrável, de onde, literalmente, podiam saltar cobras e lagartos ou mesmo algum coelho.

A custo, foi abrindo caminho e fazendo prospecções — junto à casa velha e ao muro, um canavial; mais à frente, figueiras, ameixieiras, um limoeiro, um alpercheiro, uma ginjeira, algumas oliveiras e, ao fundo, na parte mais elevada do terreno, um pinheiro manso magnífico, ligeiramente dobrado sobre um outro, menor, como se protegesse um filho seu.

Fosse porque essas árvores, algumas velhas e ressequidas, lhe fizessem lembrar o seu Algarve, ou, simplesmente, porque pressentiu ali um desafio irrecusável, o certo é que, durante a tarde, a minha mãe não perdeu o seu ar risonho e bem-disposto. A compra, por ela, estava aprovada.

Quanto a mim, levei o resto do tempo mirando e remirando a casa, em sucessivas descobertas.

Na fachada, de um rosa velho desbotado, as janelas de cantaria, já sem caixilhos, o vão da porta, ao centro, os restos de um patamar com alpendre, as ruínas dos degraus de uma pequena escada exterior e dos remates dos beirados eram, paradoxalmente, a imagem viva, de pedra e cal, das casinhas que a minha irmã desenhava nos cadernos de escola e que eu me habituara a copiar pacientemente, sem outro modelo e com escassa convicção.

Nas traseiras, destelhadas e esventradas, por onde entrei naquele espaço, uma outra descoberta me deixou sem palavras — o forno da casa, quase intacto, e os restos de uma cozinha, com bancos de laje e chaminé forrada a azulejos...

Chegara a Caparide com a promessa de casinha de brincar, com que nas sextas das tardes de domingo o meu pai, já há algum tempo, me embalava e se embalava nos seus próprios sonhos, em descrições cheias de minúcia e colorido. Deitada a seu lado, antes da sesta, eu ia-lhe, então, inquirindo: — Tem janelas? E ele respondia-me: — Sim, janelas com cortinas e porta com fechadura. Eu voltava a perguntar: — Vai ter telhado? E o meu pai: — Sim, telhado com beirado, chaminé e cata-vento...

A partir dessa primeira tarde, tudo se confundiu na minha cabeça: a promessa de casinha de brincar e a casa velha, ou antes, o projecto, para mim tão inesperado, de a fazer renascer. Muito em breve, no meu espírito, o segundo iria sobrepor-se à primeira. Mas ambos marcaram profundamente a minha infância, que é como quem diz, a minha vida.